

Transcrição Veja Bem - T1e12

Abaixo seguem as legendas utilizadas:

C=Professor Clóvis de Barros

F=Professor Carlos Ferrari

V=vinheta

L=Locução

F: Por meio das artes, essas pessoas foram comunicando pra sociedade, uma série de possibilidades do bem viver.

C: A genialidade é assim: onde ela põe o dedo, ela transforma.

V: Veja Bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari.

F: chegamos ao fim da primeira temporada. Caramba! Nós falamos sobre artes, consumo, o amor, a felicidade, a visão acerca das palavras, da justiça... Olhando pra trás, quanta coisa a gente já abordou por aqui, professor Clóvis!

C: Olá, Carlos! De fato! De maneira despreziosa e com a guarda baixa, a gente acabou falando sobre muita coisa. Muita coisa interessante. E dentro dessa nova perspectiva, com esse outro olhar, com esse outro entendimento.

F: A gente tá desenhando coisas aí pra frente, vocês aguardem, vão acompanhando o feed. Vem sempre ideias novas, vocês que conhecem o trabalho do Prof. Clóvis, o meu trabalho... E as possibilidades de olhar o mundo com outros olhos são infinitas... Então, sigam acompanhando as nossas redes sociais, que vem sempre muita coisa boa por aí.

E vamos ao tema de hoje. Primeiro é importante lembrar que a gente fez uma inversão. Você lembra que, no episódio 10, a gente conversou sobre a *tehcne*, a arte que não é reconhecida pelo senso comum. A capacidade que nós, seres humanos, temos de fazer algo com excelência, e aí se posicionar diante da vida, enxergar a vida como artistas, fazendo aquilo de que gostamos, trabalhando com alegria.

Hoje vamos falar sobre as belas artes. As artes são reconhecidas pelas pessoas como aquilo que nos encanta, que toca os nossos corações e mentes. E, sobre a relação dessas artes com a deficiência visual.

Se você for reparar, a relação de pessoas com deficiência e as artes é muito intensa. Seja por meio da representação de personagens, seja pelo protagonismo das pessoas com deficiência visual, em relação a essas produções.

PODCAST VEJA BEM

Vamos falar de personagens! Você vai lembrar que, nas novelas brasileiras, tivemos o ceguinho Jeremias no Roque Santeiro, Jatobá, na América. No cinema, a gente vai lembrar do Frank, em Perfume de Mulher, ou até do Demolidor, com seus superpoderes. Quando representadas as pessoas cegas ou com deficiência, em geral são estigmatizadas, tendo superpoderes ou, por vezes, numa situação de bastante constrangimento. Professor Clóvis, esse estigma por vezes é muito criticado por teóricos que falam, que escrevem sobre antes... Essa abordagem capacitista. Por outro lado, isso também traduzi como o mundo nos vê e como a gente vai evoluindo na relação com o mundo. Será que algum dia essa estigmatização vai ser superada? Aliás, será que é necessário superar isso, ou, de fato, a colocação desses personagens em produções artísticas acaba cumprindo um papel para construção histórica da relação de pessoas com o mundo?

C: Rapaz, eu penso que as conversas do senso comum, a comunicação interpessoal cotidiana, ela necessariamente acaba requerendo de todos alguma simplificação. São simplificações pactuadas, aceitas de parte a parte e que, de certa forma, empobrecem a realidade, mas tornam a comunicação possível. Graças a essas simplificações, podemos dizer tanto detalhismo. Vamos imaginar, Carlos, que eu esteja dando aula no Jornalismo, lá da USP, e a minha disciplina seja oferecida para toda universidade como uma disciplina optativa. E aí a turma do Jornalismo acolhe gente de outros cursos. Aí chegam lá cinco ou seis da escola politécnica que fica em frente. São alunos de mecânica. Eles acabam ficando juntos, porque eles se conhecem, e formam uma espécie de gueto, dentro da sala de aula. Aí então os demais, os alunos do jornalismo, por conta da interação óbvia dentro da sala de aula, acabam tendo que se referir a esse grupo de politécnicos da Mecatrônica, acabam tendo que falar deles. E, por enquanto, ainda estamos nas primeiras aulas. Os integrantes desse grupo ainda não são conhecidos na sua particularidade. Então, imediatamente, alguém diz:

“Ah, vê lá se o pessoal da Poli quer entrar no nosso grupo”.

Veja que, não necessariamente há uma perspectiva de exclusão. Às vezes até, pelo contrário, é uma perspectiva de inclusão. Aí alguém responde:

“Ah, pessoal da Poli, sabe como é que é, eles vão querer fazer o trabalho entre eles. Vão compor um grupo entre eles.”

E, quando você vai fuçar por detrás do que está significando a expressão “pessoal da poli”, você imediatamente se depara com crenças sobre se tratar de nerds, gente que estuda demais, gente muito apegada às exatas e, portanto, com pouca familiaridade com as humanidades, gente com pouca flexibilidade intelectual, gente mais pra ortodoxa,

gente muito disciplinada... E o que é interessante é que todos esses atributos estão relacionados à expressão “pessoal da

Poli”, elas não precisam nem ser repetidas. Elas não precisam nem ser ditas, sequer uma única vez. Basta dizer “o pessoal da poli”, que todos já compartilham esses atributos.

F: tá tudo ali no pacote.

C: É um estereótipo. Se você for conversar com cada um dos integrantes do pessoal da Poli, é possível que você encontre gente indisciplinada, ociosa, surfista, Chavequeira, boêmia poeta, enfim... Tudo aquilo que desmentiu o estereótipo. Mas não importa, por quê? Porque, pelo menos num primeiro momento, mesmo sem má fé, mesmo sem a perspectiva de exclusão, aquela expressão “pessoal da poli”, encontra uma adesão universal de todos aqueles que com esse pessoal acabam tendo que interagir.

Perceba que há, aí, uma simplificação que empobrece a realidade, mas há aí, digamos, uma expressão pessoal da Poli, que está no lugar de certos atributos e são imediatamente associados por quem quer que possa ouvir a expressão, cumprindo assim, o seu papel comunicativo.

Da mesma maneira, quando você vai contar aquilo que você experienciou numa viagem, você também vai destacar certos aspectos. Você não vai contar, segundo a segundo. Ninguém suporta. Você vai tomar a parte pelo todo e o todo pela parte. E aí é capaz que você diga coisas: “ah, sabe como são os italianos, né?” e imediatamente supõe que seu interlocutor deduza que você está falando de gente expansiva, que fala alto, que não é muito discreta, que é, até certo ponto alegre, informal, e assim por diante.

Aí você sai da Itália e vai pra França e diz:

"Ah, sabe como é um francês, né?"

E aí, imediatamente, você deve imaginar que o outro te entenda como alguém mais rigoroso, mais detalhista, mais chato, mais contido, mais sisudo... E você sabe muito bem que nada impede que um italiano seja chato e sisudo e um francês, expansivo, alegre e acolhedor. Mas, de uma certa maneira, essas nacionalidades, por conta das simplificações estereotípicas, elas acabam permitindo algum tipo de comunicação. Isso também se dá nas regiões de um certo país, quando você fala que foi pra tal lugar... Talvez você espere que a pessoa entenda que as pessoas daquele lugar são menos preocupadas com os ritmos acelerados, com a circulação do capital, com o ganho de dinheiro e são mais preocupadas com o bem viver, com o desfrutar, com o prazer, com ritmos mais lentos, e assim por diante.

PODCAST VEJA BEM

Olha, por essas e por outras, Carlos, a gente chega na questão da nossa deficiência. É evidente que, como qualquer outro elemento da comunicação cotidiana na sociedade, nós também somos vítimas desse empobrecimento. Nós somos vítimas de iniciativas estereotípicas. Nós somos vítimas de reduções abruptas da complexidade do real, em nome da necessidade de uma certa comunicação. E aí, é claro, caberá a cada um de nós, assim como os politécnicos gritam que não são todos nerdocas... Assim como os franceses gritam que não são todos menos doces, menos gentis... Haverá, certamente, gente gritando, dizendo que o estereótipo é injusto, porque o estereótipo coloca, no mesmo saco, gente muito diferente... Assim também cabe a nós, pessoas com deficiência visual ou cegas, levantar a mão pra lembrar que toda tentativa estereotípica de nos enclausurar, de nos colocar num orbital de previsibilidade indiscutível pode ser revisto em nome do enriquecimento da particularidade do nosso universo e da certeza que entre nós tem gente de todo tipo e, portanto, tem gente capaz de comportamentos que desmentem cabalmente aquilo que costuma ser insinuado a nosso respeito.

F: E se a ficção gera esse tipo de estereótipo, a vida real, pelo contrário, acaba transbordando, escancarando uma série de perfis muito diferentes. Você está ouvindo com a gente aí, ao fundo, Geórgia, do grande Rei Charles. Um cara cego que tem uma história fascinante, aliás, contada num filme que apresenta sua história, que tá longe de ter algum tipo de previsibilidade. O rei Charles foi genial enquanto músico... Teve uma vida pessoal extremamente complicada, controversa... Que, se por um lado gerou admiração, também pode ser questionada sob vários aspectos... Assim como rei Charles, a gente pode falar de tantos outros artistas... O cego Aderaldo, aqui do Crato Cearense... Você pode pensar no Stive Wonder... Voltando pro Brasil, no grande Sérgio Sá e em tantos outros artistas, não tão conhecidos, que fazem da possibilidade do “não ver”, um elemento de estímulo aos outros sentidos, para produzir música, literatura, atuar no teatro, enfim... Para produzir artes. Esse é o jeito de levantar a mão, de gritar e de romper estereótipos... Por meio das artes, essas pessoas foram comunicando para sociedade uma série de possibilidades do bem viver, mesmo com uma deficiência sendo altamente presente.

Desses artistas todos, professor, tem algum aí, em especial, que se conecta, que te chama atenção, enquanto pessoa que gosta de artes? E aí eu vou além! Depois que a deficiência visual passou a fazer parte da sua vida cotidiana, foi diferente conviver com o trabalho desses artistas?

PODCAST VEJA BEM

C: Olha, primeiro, sem dúvida. Quer dizer, quando Stevie Wonder canta It 's Lovely e põe o ponto de interrogação, ele convida a todos deficientes visuais ou videntes a concordar com ele. Ela não é encantadora? Ela não é amável, no seu sentido mais rigoroso? Ela não é incrível? Não é maravilhosa? Is it lovely, it 's wonderfull?

E é claro, é incrível, porque quase que Stevie Wonder apela para que as pessoas se deem conta da possibilidade de uma experiência sensorial e visual de encantamento que ele mesmo não pode ter. Como que dizendo “Olha que maravilha!!! Que maravilha que é a beleza dessa pessoa!” Ele quase que exortando as pessoas, não é? A uma contemplação que ele mesmo faz da sua maneira, de maneira diferente, de maneira própria, dando ênfase às questões da alma, dando ênfase aos canais e aos caminhos que ele tem na mão, pra poder se comunicar com o mundo... E eu acho isso simplesmente maravilhoso, né? É muito curioso você observar uma pessoa que exorta a maravilha do mundo, sugerindo que as pessoas prestem atenção no mundo do jeito delas, como elas podem, mesmo não podendo ter uma experiência visual sugerida por ele, para outras pessoas. Então eu acho Stevie Wonder um artista incrível. Eu acho que quando Stevie Wonder coloca na música do Djavan a sua gaita

F: Nossa, é linda!

Entra o solo de gaita da música que será mencionada

C: Ele muda a música. A música Samurai com gaita do Stevie Wonder é uma música, sem é outra música e a diferença entre as duas deixa claro que a música é noventa por cento a gaita.

F: *sorri*

C: E 10 por cento o resto. E eu penso que a genialidade é assim: onde ela põe o dedo, ela transforma. Eu tou rigorosamente convencido de que existem certas, digamos, manifestações do espírito, que elas transcendem completamente a imediatidade do mundo visualmente percebido, o que permite a esses artistas todos que você citou a exuberância da sua humanidade traduzida na sua arte de maneira absolutamente genial, a ponto da cegueira se tornar, pra quem contempla a manifestação artística, quase que um detalhe irrelevante.

V: O veja bem é editado e conta com locuções e profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o app da rádio ONCB na sua loja Android ou IOS.

Para apoiar e conhecer a organização, acesse o site:

www.oncb.org.br/doacao.

V: rádio ONCB - todas as vozes em uma só rádio... - O som de todas as vozes.

F: E você ouviu a vinheta da ONCB, Organização Nacional dos Cegos do Brasil, nossa organização que tem feito, aí, um ciclo de show de talentos. Você pode saber sobre tudo isso no site que foi dito aí na vinheta, assim como esse trabalho artístico de edição que você acompanha aí, no podcast, feito por um time com pessoas cegas ou com baixa visão. A gente tá chegando pertinho do fim do episódio, e eu queria destacar um outro elemento essencial que é o acesso às artes. Quanto mais a gente avança, mais possibilidades a tecnologia, o mercado, enfim, acabam criando. Recentemente, pouco menos de 20 anos, a gente tem muito presente no nosso cotidiano, por exemplo, a audiodescrição no Brasil já é lei. Você pode não reparar, mas quando você tá vendo um filme lá na Globo, tem uma vinhetinha. Essa vinhetinha conta que o filme contém audiodescrição. E aí, com o controle, você aperta um botão, e vai sendo descrito todas as cenas. Então aquela perseguição de um carro, ela vai sendo toda narrada para pessoas que não veem possam acompanhar a obra com a mesma qualidade. Isso também está no teatro e, em breve, deve estar no cinema.

Na literatura a gente falou da possibilidade dos leitores de tela que nos permitem ter acesso a praticamente todo conteúdo hoje, já que tudo é produzido digitalmente. Essas oportunidades são fantásticas porque, óbvio, abrem uma avenida imensa pra pessoas que tenham uma limitação visual parcial ou completa, para que elas possam ter acesso a todo tipo de conteúdo artístico, desde um quadrinho, ou mesmo um desenho com uma pantera cor-de-rosa, que na minha infância era impossível de ser contemplada... Hoje tudo isso é totalmente acessível por conta desses recursos. E a gente conta isso pra você aqui, além do elemento informativo, é importante que você, que produz arte, que consome arte, que patrocina arte, possa saber que esses canais existem e que é possível criar muitos outros. A arte é sempre mais bela quando ela pode ser acessível, quando ela pode ser consumida pelo maior número de pessoas possível. Então fica o nosso chamado, né, professor, para que as pessoas se atentem a isso e possam gerar oportunidade para que as produções artísticas sejam cada vez mais inclusivas e possíveis para um maior número de pessoas.

C: Eu queria destacar também que esse uso particular das novas técnicas que obviamente permitem esse tipo de inclusão, esse uso, ele não só é merecedor de um aplauso por parte daqueles que o disponibilizam, mas ele também deve ser objeto de trabalho educativo nas escolas, porquê? Porque não se trata só de capacitar a pessoa com deficiência visual ou cega pra se virar, porque ele tenderá a ir buscar suas soluções... Mas eu defendo, sempre

PODCAST VEJA BEM

defendi a tese de que nós conheceremos melhor a realidade do outro e podemos respeitá-lo tanto mais, quanto mais nós tivermos na mão algum conhecimento da sua vida e eu diria, das condições materiais da sua existência. É exatamente por isso que eu sempre me senti de nunca ter tido, na escola, uma explicação enquanto eu era um vidente normal, né? Na escola uma explicação sobre os instrumentos de que dispõem os cegos para poderem ler, por exemplo... Eu diria que a explicação mais bem acabada sobre isso, eu tive aqui, aos 55 anos, no Veja Bem, quando Carlos nos explicou as particularidades da codificação pelo método Braille e nos explicou a grande dificuldade que teria alguém que perde a visão tardiamente de conseguir, pela sofisticação da experiência tátil exigida, conseguir aceder à leitura fluída pelo método Braille. Tá aí, alguma coisa que eu não sabia e, portanto, evidentemente que eu acho que tudo isso deveria ser objeto de maior interesse na vida escolar de qualquer um. Então eu chamo a atenção dos nossos educadores, para que não permitam que uma criança saia da escola completamente ignorante, né? A respeito da realidade dos nossos irmãos com condições particulares de existência.

F: É isso aí! O Veja Bem convidando você a ver a vida de forma diferente, e também trabalhar para que as pessoas possam ver o mundo com maior amplitude, com maior número de possibilidades.

Professor Clóvis, a gente chega ao final da nossa primeira temporada, e eu quero te agradecer demais a companhia, a parceria, agradecer aos nossos ouvintes que nos acompanham aqui... Você tem muito conteúdo pra ouvir, você que chegou agora no episódio 12... Volta! V Ouça os anteriores! Esse conteúdo que a gente agradece por estar sendo trabalhado nas escolas, nas organizações de assistência social! Uma amiga me comentou que houve com os filhos, ela e o marido cego, diz que eles sentam lá com os filhos que enxergam, para ouvir e discutir e refletir depois. Depois eles param e vão conversar sobre o episódio... Então esses depoimentos nos emocionam, nos estimulam, nos provocam a criar outros conteúdos e com certeza, nós vamos seguir pensando nessa perspectiva. Muito obrigado a você que nos ouve, você que chegou agora... E, professor Clóvis, muito obrigado pela parceria! Fazer o Veja Bem é, pra mim, uma aula! Eu aprendo sempre muito e é altamente gratificante.

C: Carlos, quem tem que agradecer sou eu a oportunidade que foi me dada por você... Incomparável a alegria sentida a cada episódio, a cada gravação dessas alegrias que são tão intensas, que a gente gostaria que não acabasse tão cedo... E é justamente por isso que eu lamento profundamente o fim dessa primeira temporada, e quando a gente lamenta muito o fim de alguma coisa, é porque a gente gostaria de continuar. A gente gostaria de

PODCAST VEJA BEM

repetir. A gente gostaria de um pouco mais... Essa já é a minha levantada de bola, para que nós pensemos, desde já, na nossa continuidade.

Um grande abraço ao nosso ouvinte! Muito obrigado pela paciência, pelo carinho, pelo respeito, pela educação! Tamos juntos e continuaremos juntos!

Muito obrigado!

F: Grande abraço!!!!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com

